

Philip correu firme até a livraria preferida de Irma — ela tinha uma em cada cidade. Retomou o fôlego em frente à vitrine empoeirada da Hibberd's. Pedacos do toldo esfarrapado da loja roçaram os ombros de Philip quando ele fitou a vitrine, que havia mudado muito pouco nos últimos três anos. Toda a loja, na verdade, parecia como que selada. Todas as coisas em seu interior — os livros, as prateleiras, o atendente encurvado sobre um volume aberto, seu chapéu e luvas empilhados sobre a velha caixa registradora — pareciam uma paisagem dentro de um globo de vidro. Se o sacudíssemos, lascas de papel velho rodopiariam por entre as figuras estáticas. Um livro que Irma restaurara e reencapara para o dono em troca de crédito na loja ainda estava ali, inclinado no canto inferior esquerdo da vitrine, uma edição modesta de *Pepys à mesa*, uma seleção de anotações retiradas do famoso diário do marujo e relacionadas a comida.

Pepys..., disse-lhe Irma uma vez, ...ele poderia ter sido um matemático.

Irma respondeu à expressão de Philip, a pausa enquanto erguia a bebida. Ele usava símbolos e códigos secretos, escritos de modo que fossem facilmente decifráveis. Era uma expressão de liberdade do século XVII. Olhe para mim. Estou escrevendo em código. Estou sendo subversivo, até mesmo ao lhe contar que tipo de sanduíche estou comendo na hora do chá de hoje. Você sabia que ele tinha um símbolo especial nos diários para quando batia punheta?

À mesa?, perguntou Philip.

Irma contraiu os olhos, fitou-o com um olhar perverso. Depois afrouxou e o olhou de soslaio. Sabe, disse Irma, sempre que leio Pepys, noto uma coisa triste e importante. A maioria de nós não aceita ser o protagonista da própria vida. Mesmo que só assistamos à TV ou a esportes ou leiamos milhares de livros, só estamos tentando encontrar outro protagonista para as nossas vidas. Além de nós mesmos. Mas Pepys se aceitou como protagonista da própria vida. Irma observou a reação de Philip, bebericando seu *bourbon*. Sei o que você está fazendo, acusou Irma. Está bolando alguma equação para isso. Para a inevitabilidade de ser o protagonista da sua própria vida. Nossa vida =  $n$  elevado a  $x - 1$  sobre  $i$  — ou qualquer merda assim. Você deveria escrever uma história com números, Pip.

— Ou algo assim — disse Philip, dirigindo-se ao seu reflexo na vitrine da loja. Começou a sentir um friozinho, já que o suor da corrida esfriava rapidamente a gola de sua camisa e as pontas úmidas do cabelo em seu pescoço

e têmporas. Olhou fixamente para o livro de Pepys no canto inferior direito da vitrine e sentiu um calafrio.

Continuou a corrida até o Schuylkill. Na Califórnia, Irma o deixava ficar na loja por quanto tempo quisesse. O ar lá dentro parecia claramente diferente, contemporâneo. Um radiador que ocupava uma parede inteira mantinha o ambiente numa temperatura e umidade constantes. O ar tinha um sabor limpo, destilado, uma leveza, mas seus aromas mudavam conforme a tarefa em que Irma estivesse empenhada. Se estivesse moldando o couro para uma capa, havia um cheiro de vinagre. Se estivesse costurando tomos na prensa, o cheiro era de roupa lavada. Philip passou a acreditar que aquele odor vinha do hálito e da língua de Irma quando ela unia as pontas do fio de linho com os lábios. Às vezes se beijavam longamente na loja de Irma, com mais freqüência nos primeiros dias, quando ela estava apenas começando o trabalho, e ele provava aquele aroma na boca dela, lençóis limpos e úmidos se abrindo. Ela trabalhava na claridade cônica de uma lâmpada, mas mantinha o resto da loja sob luz natural. Se ele estivesse ali à noite, Irma lhe acenderia uma vela. A fumaça não vai fazer mal aos livros?, perguntou Philip, tentando mostrar que entendia a delicadeza e a complexidade do trabalho dela. A fuligem não é problema, explicou Irma. As maiores ameaças são as variações de umidade e temperatura. Especialmente aqui — referia-se a Santa Cruz, onde havia musgos nos postes de telefone, onde a maresia incrustava cristais de gelo na superfície dos musgos. Esses textos que estão na prensa poderiam se inchar ou contrair um bocado no tempo que levo para costurá-los. Irma tinha cinco cópias na prensa, o máximo que a ferramenta suportava.

Quando Philip e Irma ficavam calados, ouviam apenas o gemido límpido da sovela atravessando o papel comprimido ou o sussurro da linha puxada. Ele nunca se cansou de vê-la preparar meticulosamente seus livros, a necessidade de precisão em cada um dos processos — a exatidão dos cortes, das formas, as medições finas como um pergaminho. Philip apenas se afastava, perambulando, ou se forçava a encontrar algo mais que fazer, porque não queria admitir fisicamente para ela, ou para si mesmo, que para ele era suficiente estar ali na loja, vê-la na loja, provar seu ar e respirar seu aroma. Irma alinhava as pontas dos dedos, as unhas cortadas com cuidado para que servissem como ferramentas, na margem de trás de uma capa enquanto a guiava lentamente em seu couro, ou tela, ou musselina, ou linho. Costumava segurar a dobradeira com leveza, do modo como uma violinista segura seu

arco, e Philip se espantava pela força oculta na delicadeza de seu movimento. Irma olhou para ele e sorriu enquanto passava uma linha por um botão de cera, preparando a encadernação. Durante essa tarefa, conseguia desviar o olhar. Às vezes aproximava a cera, recém-raspada, do nariz de Philip, que ainda sentia o cheiro do mel.

Do que você gosta mais?, perguntou-lhe Philip, com o botão de cera ainda perto de seus lábios. Escrever livros ou fazê-los?

Os dois. Um me faz querer fazer o outro.

Philip chegou às margens do Schuylkill sentindo-se forte. A névoa começava a se dissipar, e o sol, que parecia uma moeda cinzenta sobre o horizonte da Filadélfia, já reluzia em amarelo. Correu três arrancadas de oitocentos metros ao longo do rio, sobre a grama da primavera que lhe amortecia agradavelmente os pés. Dos plátanos caíam gotas de orvalho, minúsculos respingos gelados; um deles acertou a base de seu nariz com um toque macio. Desacelerando após os últimos oitocentos, sentiu que a névoa da primavera se condensava com o suor em seu rosto e pescoço, e acreditou que poderia correr para sempre e viver de uísque e livros. Eu sabia alguma coisa naquela época, pensou, que não sei agora.

Mais tarde, sofreu com a corrida e com seus pretensiosos exercícios de velocidade. Naquela noite, sentou-se na poltrona reclinável com as pernas elevadas, uma compressa quente apoiada no quadril e uma bolsa de gelo envolta na planta do pé esquerdo. A mesinha de metal vacilava com o peso do Cervantes, do Borges e do Turgenev, os manuscritos encadernados de Irma — *Deslize* e *A teoria de Peter Navratil* —, uma nova garrafa de *bourbon*, o copo e o abajur. Não havia espaço suficiente para tudo aquilo na mesinha, portanto os livros se equilibravam precariamente sobre a borda. No chão havia um balde de gelo a postos, para repor a bebida e reabastecer a bolsa atada à sola de seu pé esquerdo.

Sem saber exatamente qual texto queria, ainda assim se esticou em direção aos volumes, talvez para ajeitá-los. Apanhou *A teoria de Peter Navratil* depois de passar os dedos sobre a lombada ondulada do Cervantes. Ficou encantado ao descobrir que tinha marcado a página do manuscrito com o brinquedo chinês que a mulher da Vespa lhe dera. Lembrava-se de ter procurado passagens que descreviam Feli/Sefi. A passagem que marcou, por outro lado, descrevia Sylvia. Philip enfiou o indicador no brinquedo de palha entrelaçada e se pôs a ler.

Sou a filha de uma pescadora portuguesa e de um pescador italiano que pescavam na costa de Monterey. As línguas que me rodeavam nas docas e nos desembarcadouros das fábricas de conservas soavam como música. Português, espanhol, italiano, russo, japonês. Quando criança eu não as entendia, só fui aprender as duas primeiras por meio do estudo, mas gostava de escutá-las, com todas suas inflexões, formas e timbres. Meus pais sempre foram parte desse mundo. Todas as famílias bebiam os vinhos guardados nos porões das demais, provavam-nos e discutiam qual deles era o melhor. E depois provavam mais um pouco. Porém, meus pais se mantiveram independentes da comunidade de três maneiras, e isso acabou por fazer toda a diferença na minha vida. Em primeiro lugar, a minha mãe continuou a pescar depois que eu nasci, o que gerou a desaprovação de muitos dos imigrantes, a não ser das famílias mexicanas, que, em sua maioria, trabalhavam nas fábricas de conservas e nos campos de morangos próximos e não entravam muito na água, e que eram sempre sinceras quanto à qualidade dos vinhos. Em segundo, meus pais economizaram algum dinheiro e compraram uma cabana por \$1.500, cinco anos antes do meu nascimento, mas em preparação para a minha chegada. Ficava num pequeno declive rochoso, virada de costas para o mar. No alto do morro havia um pinheiro de Monterey que tinha os ramos esparramados pelo vento, os mais baixos tocavam o solo, sua silhueta ante o céu noturno tomava a paisagem da nossa janela da cozinha. Quando a brisa do mar soprava com mais força, a árvore se sacudia como um caranguejo sobre o morro. Em terceiro, estudaram inglês e falavam inglês um com o outro, e comigo. As pessoas de Monterey, que por minhas roupas ou modo de falar não percebiam que eu era a filha de empregados da fábrica de conservas, seriam incapazes de adivinhar se eu era portuguesa, italiana, mexicana ou russa. Quando adulta, por qualquer país em que eu viajasse, as pessoas acreditavam que eu era nativa, ou uma imigrante de alguma colônia. Na França, eu era argelina. Na Inglaterra, talvez panjabi, egípcia ou até mesmo francesa. Na Austrália, indonésia.

Meu pai, Clement Torano, não fazia um vinho particularmente bom. Mas no nosso pequeno declive rochoso, construiu uma casinha de pedra parcialmente incrustada na encosta entre os fundos da cabana e o pinheiro. Construiu-a assim porque não tínhamos um porão. Ali, produzia e armazenava seu vinho, e para esse propósito, a casinha era melhor que qualquer porão ao longo da costa central. Um pescador português chamado

Albuquerque Santos, que fazia, sim, um bom vinho, começou a estocar suas melhores garrafas na nossa casinha de pedra. Minha mãe se servia de boas doses do melhor tinto de Albuquerque, mais do que aquilo que nos correspondia. Apollonia Silva gostava de vinho, não em excesso, mas certamente tomava até estar satisfeita, e dizia ser impossível tomar de garrafas inferiores quando as de Albuquerque Santos estavam logo ali, ao alcance das mãos. Não tentou esconder ou negar seu roubo; em vez disso, disse a Albuquerque Santos que seu vinho era irresistível.

Apesar da adulação certa, Santos exigiu, como recompensa, que encomendássemos um bom concentrado em São Francisco e o transportássemos de volta. Isso levou à minha primeira expedição, aos nove anos de idade, rumo a essa cidade de luzes e livros. A princípio, fiquei completamente intimidada com tudo o que cercava São Francisco, e essa intimidação foi o que me levou a uma livraria.

— Aonde você quer ir? — perguntou minha mãe enquanto esperávamos até que meu pai obtivesse o concentrado tão desejado por Albuquerque Santos. Era noite, as ladeiras da cidade brilhavam, reluziam as janelas das lojas, cafés e tabernas. Um pop psicodélico, que soava vagamente francês, vazava dos apartamentos mais altos. As pessoas caminhavam apressadas e não falavam com a gente. Apontei para um lugar de iluminação suave, dentro do qual as silhuetas se mantinham paradas ou só se moviam em pequenos incrementos — viravam uma página, puxavam um volume da prateleira, examinavam-lhe a frente, o verso, repunham-no. Uma livraria.

— Ali — respondi, ainda apontando.

Minha mãe concordou. Talvez se sentisse exatamente como eu. Era econômica e via São Francisco basicamente como um lugar que pretendia sugar o dinheiro suado que ganhara com os peixes. Deve ter se sentido aliviada quando apontei para uma livraria. Os livros lá dentro eram todos usados. As brochuras custavam dez centavos, e os de capa dura saíam por quarenta e cinco. Escolhi romances, porque disse ao atendente que gostava de histórias e ele nos indicou a seção de ficção. Fiz minhas escolhas estritamente em função do título e do que ele poderia prometer. Levando na mão o dólar que ganhei da minha mãe, escolhi brochuras de *A peste*, *O homem invisível*, *O polvo*, *Longe da multidão estulta*, *O mago*, *Os demônios*, *O marinheiro que caiu em desgraça com o mar*, *O cinéfilo*, *Os nus e os mortos* e *Carmody, Tough Bullet — Duro no Gatilho*. Eu não conhecia nenhum daqueles livros, mas todos tinham capas vibrantes em muitas cores chamativas que ilustravam

as coxas musculosas de homens e mulheres. Minha mãe parecia conhecer alguns dos títulos. O único que checou foi *Os nus e os mortos*. Empurrou-o pelo balcão em direção ao atendente, um homem magérrimo de cabelo castanho longo, com aparência de uma *pootah* (uma entidade celta mítica), barba falhada e uma camisa de musselina que pendia como uma cortina de seus ombros ossudos.

— É adequado para ela? — perguntou minha mãe.

Com o punho dobrado, ele afastou rapidamente a brochura de Mailer e disse:

— Não, mas não pelos motivos que você está pensando.

Olhou para mim e sussurrou:

— Talvez mais tarde.

Minha mãe e eu nos entreolhamos.

— Experimente este aqui — disse o atendente. Aproximou *Madame Bovary*, deslizando-o pelo balcão.

O título não me prometia nada — uma história maçante sobre uma senhora pomposa. Mas a capa foi suficiente. Uma mulher de cabelo negro, cheio e cacheado, pele verde-oliva, um decote de renda, coxas delineadas por um vestido vinho agitado pelo vento, uma expressão de angústia inteligente, ligeiramente boquiaberta, descendo de uma carruagem. Dentro desta via-se apenas o vestígio de uma mão masculina, aberta, dedos velhos e estendidos, o punho bordado.

Levei a pilha para casa. Aos nove anos de idade, só consegui ler o faroeste barato. Não era um faroeste de fato porque se passava em Nova Orleans, mas Carmody era certamente um caubói. O texto no verso me dizia que “Carmody estava em busca de bons momentos em Nova Orleans. Levando no bolso os onze mil que roubara, decidiu se aproveitar da boa bebida e das mulheres devassas antes de voltar para o Texas. Mas quando começava a se sentir confortável, viu-se metido numa cilada que o incriminou por um assassinato brutal”. Assim como na capa do livro, ele tinha uma cicatriz no lado direito do queixo, um corpo pequeno, porém musculoso, e levava um revólver na cintura. A mulher da capa se chamava Minnehaha e era filha de colonos franceses com algum sangue *choctaw*. Trabalhava num bordel, fumava ópio e usava blusas transparentes. Na capa, sua blusa era translúcida, mas os mamilos não passavam de sombras. O cabelo, como o de Madame Bovary, era abundante, preto e cacheado, agitando-se num vento que não parecia deixar de soprar naquelas brochuras. No fim da história ela

é revelada como a vilã, a pessoa que tramara toda a maldade que Carmody precisava derrubar a tiros. Ela seduz Carmody ao perceber que ele está em seu encalço e então o envenena, derramando ópio em seu vinho. Mas calcula mal a quantidade de ópio necessária para destruir o corpo bruto e calejado, mas ainda bonito, de Carmody, Duro no Gatilho. Carmody mata Minnehaha por acidente quando ela tenta dar cabo dele com uma faca, girando instintivamente o punho da moça e invertendo o golpe da lâmina. Os seios mestiços de Minnehaha se mantêm perfeitos sob a tela transparente de sua blusa, banhada em sangue. Jamais deixei de adorá-la.

Aos nove anos de idade, não conseguia entender os outros livros da minha pilha. Não conseguia lê-los de fato. Porém, muitas vezes segurava um deles por longos períodos, espreguiçando-me na minha caminha depois da escola. Lia o texto da quarta capa, as orelhas, girava-o para ver a capa outra vez, depois o abria em alguma passagem aleatória e lia até empilhar uma quantidade suficiente de pensamentos e imagens incompreensíveis, enturvando meu cérebro e borrando as palavras na página. Eu adorava o cheiro de folhas mortas que traziam e o modo como as brochuras mais velhas começavam a amarelar nas pontas. Decidi mantê-los em ordem entre dois apoios montados com concha de abalone que meu pai me fizera. Ele mesmo pegara os abalones. A ordem dos livros mudava conforme o meu temperamento e interesse. Por bastante tempo, ordenei-os segundo o espectro de cores. No apoio direito ficava *A peste*, uma brochura vermelho-escura que trazia na capa um médico francês muito bonito — segurava uma maleta preta de médico para consultas em domicílio. Como está lidando com a peste, sua camisa tem as mangas enroladas até a altura dos bíceps musculosos e vários botões abertos, revelando uma parte do peito. Na parte de baixo da capa vê-se uma mulher reclinada numa cama, virada de costas para o leitor e de frente para o belo médico. Seu quadril se eleva sob uma camisola sedosa, cor de pérola. No apoio esquerdo, ao final do espectro, estava *O cinéfilo*, em violeta, com Binx Boiling e sua secretária na capa. Ambos estavam de costas, fitando profundezas nebulosas e purpúreas. Binx cruza o braço pelas costas da secretária, puxando-a para si, e ela apóia a cabeça em seu ombro. A mão de Binx aperta a cintura da moça, quase pronta para envolver sua nádega arredondada. Ela veste uma saia marrom apertada, sapatos de salto alto que enrijecem suas pernas atléticas. Eu sabia, aos dez anos de idade, que o homem da capa era o herói Binx Boiling e que a mulher não era a heroína Kate Cutrer. Sabia disso porque Kate e

Binx, assim como a prostituta Minnehaha, se tornaram minhas primeiras paixões literárias. Eu lia e relia o último diálogo entre Kate e Binx ao final de *O cinéfilo*. Eram como super-heróis emocionais, o modo como sabiam em detalhes o que lhes aconteceria no futuro próximo e distante. Eu adorava o modo como Kate repuxava, com o dedo médio, o pedaço de cutícula que se descascava de seu polegar. Ela a repuxava para sentir dor enquanto conversava agradavelmente com Binx.

No fim das contas, fiquei com os livros por tempo suficiente, selecionei suficientes passagens de cada um deles, encontrei todas as cenas que correspondiam aproximadamente às ilustrações da capa, até chegar ao ponto em que podia afirmar que tinha efetivamente *lido* todos eles.

Philip se pôs a pensar. Ele gostava de comparar as passagens mais autobiográficas de Irma com o que sabia serem suas experiências reais. Neste caso, Sylvia era praticamente Irma. Como autora, Irma mudara a família um pouco para o norte, mas mantivera a cabana, o pinheiro de Monterey na colina, a casinha de pedra que servia como adega e alguns dos nomes.